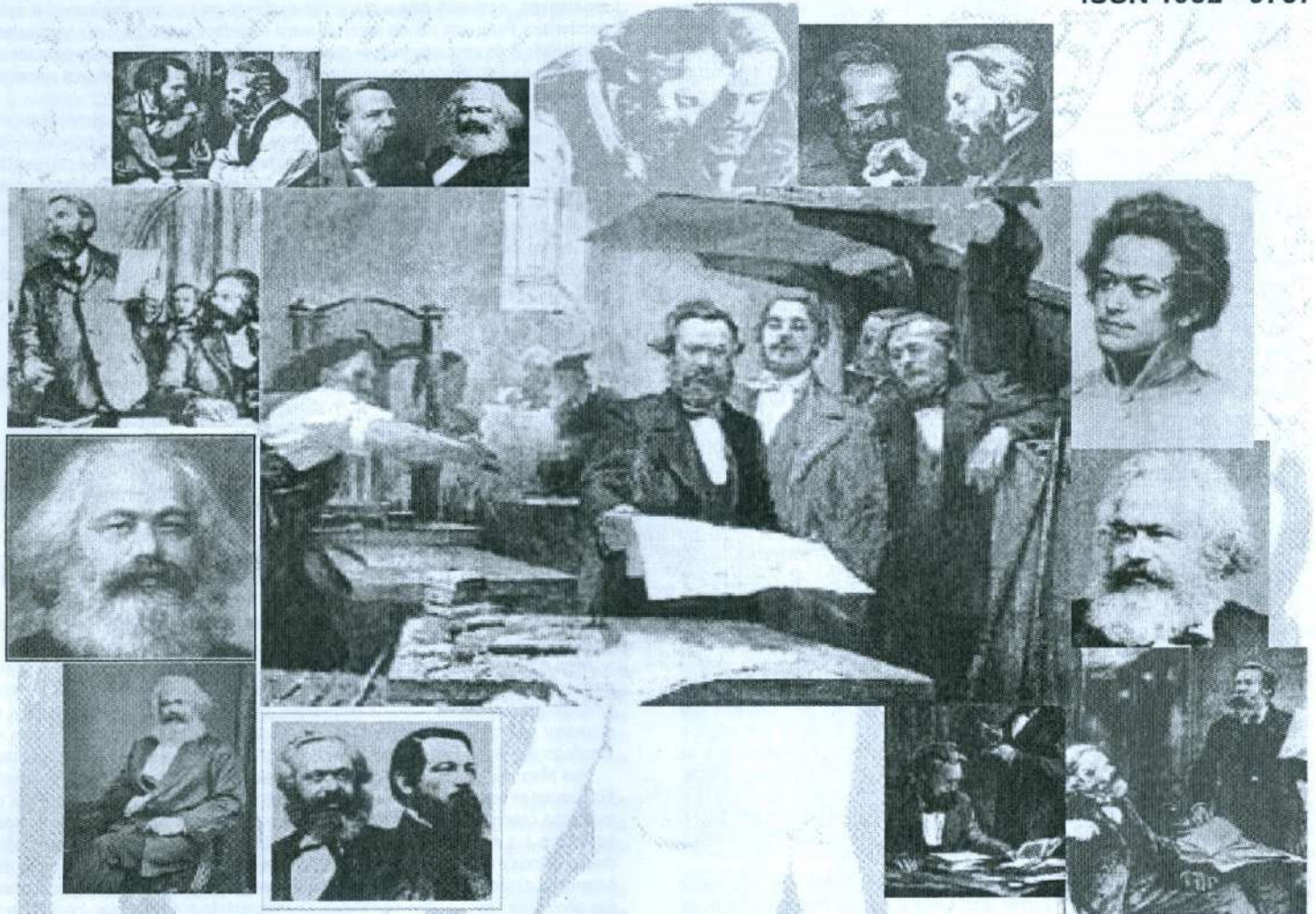


GERMINAL

Boletim n. 3, 08/2008-Grupo de Estudos e Pesquisas Marxismo, História, Tempo Livre e Educação (MHTLE)

ISSN 1982 - 9787



A ESSÊNCIA DA CONCEPÇÃO MATERIALISTA DA HISTÓRIA

A produção das ideias, representações, da consciência está a princípio directamente entrelaçada com a actividade material e o intercâmbio material dos homens, linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens aparecem aqui ainda como refluxo directo do seu comportamento material. O mesmo se aplica à produção espiritual como ela se apresenta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica, etc., de um povo. Os homens são os produtores das suas representações, ideias, etc., mas os homens reais, os homens que realizam [*die wirklichen, wirkenden Menschen*], tal como se encontram condicionados por um determinado desenvolvimento das suas forças produtivas e do intercâmbio que a estas corresponde até às suas formações mais avançadas. A consciência [*das Bewusstsein*], nunca pode ser outra coisa senão o ser consciente [*das bewusste Sein*], e o ser dos homens é o seu processo real de vida. Se em toda a ideologia os homens e as suas relações aparecem de cabeça para baixo como numa *Camera obscura*, é porque este fenómeno deriva do seu processo histórico de vida da mesma maneira que a inversão dos objectos na retina deriva do seu processo directamente físico de vida.

Em completa oposição à filosofia alemã, a qual desce do céu à terra, aqui sobe-se da terra ao céu. Isto é, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou se representam, e também não dos homens narrados, pensados, imaginados,

representados, para daí se chegar aos homens em carne e osso; parte-se dos homens realmente activos, e com base no seu processo real de vida apresenta-se também o desenvolvimento dos reflexos [*Reflexe*] e ecos ideológicos deste processo de vida. Também as fantasmagorias no cérebro dos homens são sublimados necessários do seu processo de vida material empiricamente constatável e ligado a premissas materiais. A moral, a religião, a metafísica, e a restante ideologia, e as formas da consciência que lhes correspondem, não conservam assim por mais tempo a aparência de antinomia. Não têm história, não têm desenvolvimento, são os homens que desenvolvem a sua produção material e o seu intercâmbio material que, ao mudarem esta sua realidade, mudam também o seu pensamento e os produtos do seu pensamento. Não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência. No primeiro modo de consideração, parte-se da consciência como indivíduo vivo; no segundo, que corresponde à vida real, parte-se dos próprios indivíduos vivos reais e considera-se a consciência apenas como a *sua* consciência.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Extrato de A ideologia alemã*. Arquivo Marxista na Internet. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/ideologia-alema-oe/cap1.htm#4> Acesso em: 28/08/2008.

CONHECER, EXPANDIR E ARTICULAR OS ESTUDOS MARXIANOS PARA ENFRENTAR O CAPITAL

Maria de Fátima Rodrigues Pereira

(UNC- SC)

O Grupo de Estudos e Pesquisas Marxismo, História, Tempo Livre e Educação – MHTLE – dedica este Boletim n. 3, especialmente, às contribuições que o marxismo, enquanto Prática e, portanto, Teoria Social Revolucionária do Proletariado, recebeu de Lenin, Trotsky, Gramsci, Althusser e Lukács. Vamos, assim, dando conta, enquanto Grupo, dos compromissos que nos colocamos e que já encontraram expressão nos dois Editoriais anteriores: *Marxismo Sim!* de Máuri de Carvalho e *O Modo de Produção da Vida e a Ciência* de Elza Peixoto.

Efetivamente, tratou-se, no primeiro Editorial, de afirmar o marxismo e de fazer o desafio para o "uso e difusão da concepção materialista e dialética da história e da interpretação marxista da conjuntura social, admitida como único método e linha de ação a apontar a possibilidade de construção do caminho da libertação futura [...]". No segundo, fomos coerentemente na trilha, apontando o caminho de "superar esta correlação de forças na qual [o trabalho] de realizar pesquisa, ensino e extensão de caráter público [bem comum] está subordinado a interesses privados".

Mas o que justifica esta tarefa que aqui nos impomos?

As razões deste empreendimento decorrem de que para o marxismo o ponto de partida não são as idéias, nem os conceitos. Antes, as "premissas são os indivíduos reais, a sua ação e suas condições materiais, quer se trate daquelas que encontrou já elaboradas quando do seu aparecimento, quer das que ele próprio criou" (MARX E ENGLÉS, p. 18). Decorrem também e de maneira imbricada do pressuposto de que toda a concepção teórica está na prática humana, e o pensar não pode ser separado do ser. É daqui que se coloca a exigência das contribuições ao desvelamento do modo de produção capitalista para além dos tempos que os pais fundadores do marxismo viveram e sua teorização. Sabemos das metamorfoses do capital e das lutas históricas por hegemonia. A estrutura do modo de existência capitalista estudado por Marx e Engels mantém-se em nossos dias, mas suas efetivações, para sua sobrevivência, têm sido muitas. Portanto, renovar, expandir e articular os estudos marxianos é fundamental para podermos enfrentar as guinadas, os volteios desorientadores do capital. Para o marxismo a verdade está na prática social dos homens, ela é histórica. Deste ponto de vista, não idealista, não funcionalista, há que considerar as mudanças que se operaram e que no século XIX quando Marx e Engels escreveram ainda não se colocavam, porque são fruto das tensões entre capital e trabalho ao longo do século XX. Para os marxistas que têm na história a ciência que explica os fenômenos não há nenhuma área da atividade teórica que escape à necessidade de se rever a partir da prática social dos homens. "E Marx seria o primeiro a concordar com esta proposição como, de fato, concordou explicitamente" (MÉSZÁROS, p.75). A título de exemplo, poderíamos considerar as mudanças que houve no papel do estado desde o século XIX aos tempos atuais, e que exigiu e possibilitou a Lênin, Trotsky, Gramsci, Althusser e Florestan Fernandes que se debruçassem sobre a questão e teorizassem a respeito, ampliando a visão marxista. Daqui, então, trazê-los à luz da necessidade de conhecermos os estudos e contribuições de Lenin (1874-1924), Trotsky (1879-1940), Gramsci (1891-1937), Althusser (1918-1990), Lukács (1885-1971) e Florestan Fernandes (1920-1995) à Teoria e Práticas Marxistas.

Iniciamos essa tarefa com as contribuições de: *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*, por Vladimir Ilitch Lenin e com os textos de Máuri de Carvalho, Lenin: *intelectual rigoroso, revolucionário intransigente*; de Evaristo Calmán, Trotsky e o trotskismo; de Lucelma Braga, *Cultura e revolução em Gramsci*; de Lalo Watanabe Minto, Lukács e o marxismo; de Gilcilene Oliveira Damasceno Barão, Florestan Fernandes, o intelectual panorâmico: compromisso com a luta teórica e a revolução socialista.

Pretendemos, enquanto grupo de pesquisa, nos informar e formar para que possamos afinar nossos instrumentos, a fim de contribuímos para uma produção de conhecimento e educação vinculados aos interesses da classe que vive do trabalho. Diz bem, aqui, Lucelma Braga:

"Como os iluministas, os socialistas não poderão deixar de realizar uma magnífica revolução em sua cultura, sem a qual a conquista do poder estará fadada ao fracasso. E toda revolução deve ser precedida por um intenso e continuado trabalho de crítica, de penetração cultural [...] e através da crítica à civilização capitalista que se forma ou está se formando a consciência unitária do proletariado", resultado do trabalho cotidiano dos intelectuais orgânicos desta classe. É o trabalho de organização da cultura, de desenvolvimento do gosto pelo livre debate e de subtração do inexplicável pelo uso da razão e da inteligência, articulado ao conhecimento profundo sobre si mesmo, seus limites pessoais e incrustações burguesas ainda existentes que torna possível, 'acelerar o futuro', em sentido gramsciano".

Ao trabalho de leitura, portanto!

Bibliografia:

MARX e ENGELS. *A Ideologia Alemã. Crítica da Filosofia Alemã mais Recente na pessoa dos seus representantes Feuerbach, Bruno Bauer e Stirner, e o socialismo alemão na dos seus diferentes profetas*. Lisboa. Editorial Presença e Livraria Martins Fontes.

MÉSZÁROS, István. *O desafio e o Fardo do Tempo Histórico*. São Paulo, Boitempo Editorial 2007.

AS TRÊS FONTES E AS TRÊS PARTES CONSTITUTIVAS DO MARXISMO

Vladimir Ilitch Lenin

A doutrina de Marx suscita, no conjunto do mundo civilizado, a maior hostilidade e o ódio de toda a ciência burguesa (tanto oficial como liberal), que vê no marxismo qualquer coisa como uma "seita de malfiteiros". Não se podia esperar outra atitude, pois numa sociedade fundada na luta de classes não será possível haver ciência social "imparcial". Toda a ciência oficial e liberal defende, de um modo ou de outro, a escravatura assalariada, enquanto que o marxismo declarou uma guerra implacável a essa escravatura. Pedir uma ciência imparcial numa sociedade fundada sobre a escravatura assalariada é de uma ingenuidade tão pueril como pedir aos fabricantes para serem imparciais na questão de saber se convém diminuir os lucros do capital para aumentar o salário dos operários.

Mas não é tudo. A história da Filosofia e a história da ciência social mostram com toda a clareza que o marxismo não tem nada que se assemelhe a "sectarismo", no sentido de uma doutrina dobrada sobre si mesma e ossificada, surgida à margem da grande via do desenvolvimento da civilização universal. Pelo contrário, Marx teve de genial o responder às perguntas que a humanidade avançada tinha já levantado. A sua doutrina nasceu como *continuação* direta e imediata das doutrinas dos representantes mais eminentes da filosofia, da economia política e do socialismo.

A doutrina de Marx é toda-poderosa, porque é justa. É harmoniosa e completa; dá aos homens uma concepção coerente do mundo, inconciliável com toda a superstição, com toda a reação, com toda a defesa da opressão burguesa. É a sucessora legítima de tudo quanto a humanidade criou de melhor no século XIX: a filosofia alemã, a economia política inglesa e o socialismo francês.

É nessas fontes, nas três partes constitutivas do marxismo, que vamos rapidamente falar.

O *materialismo* é a filosofia do marxismo. No decurso de toda a história moderna da Europa e sobretudo no fim do século XVIII na França, onde se desenrolava uma luta decisiva contra a confusa amálgama da Idade Média, contra o feudalismo nas instituições e nas idéias, o materialismo foi a única filosofia conseqüente, fiel a todos os ensinamentos das ciências naturais, hostil às superstições, à beatice, etc. Igualmente os inimigos da democracia dedicaram-se com todas as suas forças a "refutar" o materialismo, a desacreditá-lo, a caluniá-lo; defendiam as diversas formas de idealismo filosófico que, de qualquer modo, se reduz sempre à defesa ou apoio da religião.

Marx e Engels defenderam resolutamente o materialismo filosófico, e mostraram muitas vezes o que havia de profundamente errôneo em todos os desvios a esta doutrina fundamental. Os seus pontos de vista estão expostos com o máximo de clareza e pormenor nas obras de Engels: *Ludwig Feuerbach e o Anti-Dühring* que, como o *Manifesto do Partido Comunista*, são livros de cabeceira de todo o operário consciente.

Mas Marx não parou no materialismo do século XVIII, levou a filosofia mais além. Enriqueceu as aquisições da filosofia clássica alemã, sobretudo do sistema de Hegel, o qual tinha conduzido por seu lado ao materialismo de Feuerbach. A principal dessas aquisições é a dialética, isto é, a teoria da evolução no seu aspecto mais completo, mais profundo e mais isenta de estreiteza, a teoria da relatividade do conhecimento do homem, que reflete a matéria em perpétuo desenvolvimento. As recentes descobertas das ciências naturais - o rádio, os eletrões, a transformação dos elementos - confirmaram admiravelmente o materialismo dialético de Marx, em detrimento das doutrinas dos filósofos burgueses e dos seus "novos" regressos ao antigo idealismo apodrecido.

Aprofundando e desenvolvendo o materialismo filosófico, Marx fez-o chegar ao seu fim lógico, e estendeu-o do conhecimento da natureza ao conhecimento da *sociedade humana*. O *materialismo histórico* de Marx foi a maior conquista do pensamento científico. Ao caos e à arbitrariedade que até então reinavam nas concepções de história e de política, sucedeu uma teoria científica notavelmente coerente e harmoniosa, que mostra como de uma forma de organização social surgiu e se desenvolveu, rumo ao crescimento das forças produtivas, uma outra forma, mais elevada - como por exemplo, o capitalismo nasce do feudalismo.

Assim como o conhecimento do homem reflete a natureza que existe independentemente dele, isto é, a matéria em via de desenvolvimento, também o *conhecimento social* do homem (ou seja, diferentes opiniões e doutrinas filosóficas, religiosas, políticas, etc.), reflete o *regime econômico* da sociedade. As instituições políticas erguem-se em superestrutura sobre uma base econômica. Vê-se, por exemplo, como as diferentes formas políticas dos Estados europeus modernos servem para reforçar o domínio da burguesia sobre o proletariado.

A filosofia de Marx é um materialismo filosófico acabado, que deu poderosos instrumentos de conhecimento a humanidade e sobretudo à classe operária.

II

Depois de ter verificado que o regime econômico constitui a base sobre a qual se ergue a superestrutura política, Marx concentra a sua atenção, sobretudo, no estudo desse regime econômico. A principal obra de Marx, *O Capital*, é consagrada ao estudo do regime econômico da sociedade moderna, isto é, capitalista.

A economia política clássica anterior a Marx nasceu na Inglaterra, o país capitalista mais evoluído. Adam Smith e David Ricardo, estudando o regime econômico, marcaram o início da *teoria do valor-trabalho*. Marx continuou a sua obra. Deu um fundamento estritamente científico a essa teoria e desenvolveu-a de modo conseqüente. Demonstrou que o valor de toda a mercadoria é determinado pelo tempo de trabalho socialmente

necessário à produção dessa mercadoria.

Lá onde os economistas burgueses viam relações entre objetos (troca de uma mercadoria por outra), Marx descobriu *relações entre homens*. A troca de mercadorias exprime o elo estabelecido por intermédio do mercado entre os produtores isolados. A moeda significa que esse elo se torna cada vez mais estreito, unindo num todo indissolúvel toda a vida econômica dos produtores isolados. O *Capital* significa o desenvolvimento contínuo desse elo: a força do trabalho do homem torna-se uma mercadoria. O assalariado vende a sua força de trabalho ao proprietário da terra, das fábricas, dos instrumentos de produção. O operário empre-ga uma parte do seu dia de trabalho para cobrir os gastos do seu sustento e o de sua família (o salário); a outra parte, a trabalhar gratuitamente, criando para o capitalismo a *mais-valia*, fonte de lucro, de riqueza para a classe capitalista. A teoria da *mais-valia* constitui a pedra angular da teoria econômica de Marx.

O capital criado pelo trabalho do operário pesa sobre o operário, arruina os pequenos patrões e cria um exército de desempregados: na indústria, a vitória da grande produção é evidente; observa-se aliás um fenômeno análogo na agricultura: a superioridade da grande exploração agrícola capitalista aumenta, o emprego de máquinas generaliza-se, as explorações camponesas vêm fechar-se à sua volta o nó corredo do capital financeiro, declinam e arruinam-se sob o jugo da sua técnica atrasada. Na agricultura as formas deste declínio da pequena produção são outras, mas o declínio em si é um fato incontestável.

O capital que bate a pequena produção conduz ao aumento da produtividade do trabalho e à criação de uma situação de monopólio para as associações de grandes capitalistas. A produção em si torna-se cada vez mais social - centenas de milhares de operários reúnem-se num organismo econômico coordenado, enquanto que um punhado de capitalistas se apropria do produto do trabalho comum. A anarquia de produção cresce: crises, corrida louca à procura de mercados, e, daí, existência não assegurada para a massa da população.

Aumentando a dependência dos operários em relação ao capital, o regime capitalista cria a grande potência do trabalho unificado.

Marx seguiu o desenvolvimento do capitalismo desde os primeiros rudimentos de economia mercantil, a troca simples, até às suas formas superiores, a grande produção.

E a experiência de todos os países capitalistas, velhos e novos, mostra nitidamente de ano para ano, um número cada vez maior de operários, a justiça desta doutrina de Marx.

O capitalismo venceu no mundo inteiro, mas essa vitória não é, senão, o prelúdio de vitória do trabalho sobre o capital.

III

Quando o regime feudal foi derrubado e logo que a "livre" sociedade capitalista nasceu, tornou-se imediatamente evidente que essa liberdade significava um novo sistema de opressão e de exploração dos trabalhadores. Diversas doutrinas socialistas começaram a surgir, como reflexo dessa opressão e protesto contra tal liberdade. Mas o socialismo primitivo era socialismo utópico. Criticava a sociedade capitalista, condenava-a, maldizia-a, sonhava abolí-la; imaginava um regime melhor; procurava persuadir os ricos da imoralidade da exploração.

Mas o socialismo utópico não podia indicar uma verdadeira saída. Não sabia nem explicar a natureza da escravatura assalariada no regime capitalista, nem descobrir as leis do seu desenvolvimento, nem encontrar a *força social* capaz de se tornar o criador da nova sociedade.

Contudo, as tempestuosas revoluções que por toda a parte acompanhavam na Europa e, principalmente, na França a queda do Feudalismo, da servidão, mostravam cada vez mais com maior evidência que a *luta de classes* é a base e a força-motriz do desenvolvimento.

Nem uma só liberdade política foi conquistada à classe dos feudais sem que esta oferecesse uma resistência encarniçada. Nem um só país capitalista se constituiu sobre uma base mais ou menos livre, democrática, sem que uma luta de morte tenha posto em choque as diferentes classes da sociedade capitalista.

Marx teve de genial o fato de ter sido o primeiro a pôr em evidência e a aplicar de modo conseqüente o ensinamento que a história universal contém. Este ensinamento é a doutrina da *luta de classes*.

Os homens foram e serão sempre em política os ingênuos enganados pelos outros e por si próprios, enquanto não tiverem aprendido, por detrás das frases, das declarações e das promessas morais, religiosas, políticas e sociais, a discernir os *interesses* de tais ou tais classes. Os partidários das reformas e melhoramentos serão sempre enganados pelos defensores da velha ordem das coisas, enquanto não tiverem compreendido que toda a velha instituição, por mais bárbara e apodrecida que pareça, é sustentada por forças de tais e tais classes dominantes. E para quebrar a resistência dessas classes, não há senão um meio: encontrar na própria sociedade que nos rodeia, e depois educar e organizar para a luta, as forças que podem - e devem pela sua situação social - tornar-se a força capaz de varrer o velho e criar o novo.

Só o materialismo filosófico de Marx mostrou ao proletariado a via a seguir para sair da escravatura espiritual em que vegetavam todas as classes oprimidas. Só a teoria econômica de Marx explicou a verdadeira situação do proletariado no conjunto do regime capitalista.

As organizações proletárias independentes multiplicam-se no mundo inteiro, da América ao Japão e da Suécia à África do Sul. O proletariado instruiu-se e educa-se travando a sua luta de classe; liberta-se dos preconceitos da sociedade burguesa, adquire uma coesão cada vez maior e aprende a apreciar os seus êxitos pelo seu justo valor, retempera as suas forças e cresce irresistivelmente.

LENIN, V. I. As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo. São Paulo: Global, 1989.

LENIN: INTELLECTUAL RIGOROSO, REVOLUCIONÁRIO INTRANSIGENTE

Máuri de Carvalho



As contribuições teóricas produzidas por Lenin entre 1893 e 1923 são subsídios para se compreender três questões que o instigavam: 1) à crítica da educação burguesa, 2) à constituição de uma pedagogia marxista, 3) à formação da consciência socialista e comunista. As duas últimas consideradas indispensáveis ao desenvolvimento do movimento revolucionário de Outubro.

É inegável que Lenin se preocupava com a **educação política** a ser implementada pelo Partido (escola de comunismo) como instrumento a serviço da revolução socialista. Caso a **educação política** não fosse

acessada pelos operários e camponeses pobres da velha Rússia, o Estado russo continuaria sendo o que sempre fora, a negação monárquica da democracia. Lenin não chegou a ver a escola se transformar em aparato coadjuvante e rigoroso da revolução bolchevique.

A **educação política** era indispensável à medida que sem uma teoria revolucionária (aquela escrita por Marx e Engels) não seria possível um movimento revolucionário. Salta aos olhos a magna importância dada à **educação política** no bojo de um projeto político de Lenin para a outrificação da sociedade russa e formação do comunismo. Nesse projeto, a liberdade polemizada não era a liberdade do operário que produzia as riquezas, mas a liberdade do capitalista e dos agiotes internacionais (os banqueiros) que sugavam o sangue dos trabalhadores e, como dizia Marx, "quanto mais sugam mais fortes ficam". Por isto, a **educação política** seria um valioso instrumento de Partido, o marxismo praticado. Essa **educação** além de encerrar um programa político determinado, deveria revelar convicções claras e coerentes, possuir habilidade para não se acomodar ao tom e ao estado de coisas do momento, para não se arrastar diante dos poderosos, não cumprir as ordens deles emanadas e nem tratar de congar-se com algo que se assemelhasse à opinião pública. Para Lenin, não se deveria dar o nome de **política** (no sentido estrito da palavra) à **educação** que no melhor das hipóteses se limitava a recolher pequenos feitos interessantes, porém não elaborados, e a lançar suspiros no lugar de *filosofar*. Não digo que não seja útil, porém não é política. Essa **educação** deveria estar calçada na realidade objetiva, vinculada aos interesses e demandas da classe operária e dos camponeses pobres e, mantendo sua linha de ação, sem temer opor-se aos poderosos e ao governo, sendo colaboradora insubstituível da agitação revolucionária contra a servidão imposta pelos latifundiários e pelos modernos "senhores" de escravos assalariados.

Considerado pela patuléia intelectualizada como intolerável, Lenin ainda é visto como mais um dentre tantos chefes de clãs russos, um revolucionário profissional candidato a ditador. De onde provém a aversão acadêmica, política e ideológica a esse líder comunista intransigente e intelectual rigoroso, em política uma verdadeira "águia das montanhas", diria Josef Stalin?

Ele é intolerável porque sua crítica ácida destina-se aos intelectuais, não a todos os intelectuais sem exceção, mas aqueles que atuam no sistema oficial de ensino, inculcando os dogmas sociológicos indispensáveis à continuidade da dominação do capital sobre o trabalho.

Essa intolerância histórica, nem sempre exercida de forma explícita, merece contraponto: não é verdade que Lenin não tem nenhuma contribuição à política, à filosofia e à educação. Afimar isso é uma decorrência do atraso dos críticos em relação a ele e uma crassa demonstração de não entendimento da obra de Marx e Engels.

Essa intolerância é um biombo atrás do qual um vazio existencial nega que a educação é de partido ou, simplesmente, tomada de partido na educação. Lenin é intolerável à Universidade, burguesa em sua essência, por ter ousado demolir as sutilezas teóricas com as quais os intelectuais da ordem mascaram o real debate no qual a educação ainda está enredada: a luta entre a reprodução e a transformação, reflexo da luta de classe contra classe.

Lenin acreditava que o *medo* e a *ilusão* eram mecanismos de embrutecimento da juventude para fazê-la aceitar sem crítica no rol de crenças falsas e hipócritas: a educação como alavanca da história; o sufrágio universal como termômetro da maturidade da classe operária; o cretinismo parlamentar como via democrática à transição do capitalismo para o socialismo; a inexorabilidade do capitalismo como fim último da humanidade; o comunismo como quimera, utopia irrealizável.

Ao contrário dos seus críticos, Lenin dedicou toda a sua vida à luta revolucionária pela felicidade do proletariado; sua vida é inseparável dessa luta do trabalho pela causa do proletariado. As cartas de Lenin aos seus familiares são uma leitura ainda hoje privilégio de alguns poucos interessados. Elas tornam possível formar, até certo ponto, uma idéia do modo de vida de Lenin, de seus costumes e inclinações, de sua atitude para com as pessoas, etc.

Sobre Volódia, o homem de brilhante e polifacética individualidade, pouco ou quase nada foi escrito. Mesmo os seus biógrafos esquecem que sua vida pessoal foi tão

estritamente vinculada com o trabalho revolucionário, de tal sorte que sua correspondência particular, também sofria, sem dúvida alguma, as limitações das ações policiais repressivas. Por isto, em seus trabalhos e rascunhos, fora convencido a usar vários pseudônimos. *Estafística e Sociologia* foi assinado com o pseudônimo P. Pirúchev. Nas cartas aos familiares, percebe-se um Lenin família. A família dos Uliánov não era unida apenas por laços sanguíneos, mas pela cumplicidade de opiniões, de convicções e de concepção de mundo. Essa família era comunista e em maior ou menor grau, todos participavam nas atividades revolucionárias e se interessavam profundamente pela vida do Partido, se alegravam com os êxitos, sofriam com os reveses.

A leitura dessas cartas é importante para a biografia de um homem, mormente para apresentá-lo, como pessoa, à medida que dá visibilidade à sua vida cotidiana, suas relações com as pessoas, projetando luz sobre certos aspectos de seu caráter que sua atividade pública mostra de forma insuficiente ou não mostra em absoluto. A correspondência particular agrega novos traços à descrição do seu caráter.

Nas cartas há claramente uma indignação com os revisionistas, a quem atribua serem portadores de presunção professoral. Para ele, um revisionista do jaez de Bernstein, além de ser incrivelmente débil, exercitava um oportunismo desenfreado e covarde. Lenin de peito aberto assumiu a condição de adversário decidido da orientação crítica no marxismo trabalhada pelos neokantianos que engendraram a idéia de leis sociológicas separadas das leis econômicas. Seguindo na contra-trilha Lenin se iniciou na filosofia com os poucos livros que lhes chegaram às mãos de autores como Holbach, Helvétius, Diderot, Montesquieu, Machiavel, Aristóteles, Kant, Hegel dentre outros.

As cartas escritas entre 1908-1909, encerram uma indignação implacável contra o revisionismo filosófico de Marx e Engels, levado a termo na Rússia por Bogdánov e Lunacharski, contra o revisionismo político e economicista de Bernstein e contra o clericalismo, usados para acoplar ao marxismo as concepções religiosas. Nas cartas destacam-se alguns aspectos incontroversos da personalidade e traços do caráter de Lenin: perseverança de afeto, firmeza de suas convicções políticas e "fé" em sua causa; não há vacilação ou dúvida e uma menor indicação de desvio do marxismo em qualquer direção. Nelas não há lamentos, lamúrio, desalento, queixumes e notas amargas nas descrições do exílio, prisão ou confinamento: tal conduta era alheia ao caráter de Lenin, ele não era um choramingas. Suas cartas são um manancial contra a apatia política, além de inspirar alento e reanimar moralmente os que o lêem; engenhosos gracejos escritos ali infundem otimismo à realização das tarefas revolucionárias; revelam ainda uma grande sensibilidade pelo estado de ânimo doutra pessoa e solicitude amistosa de camarada: tal fato radicava na preocupação com sua mãe e com os outros membros da família, enfim, na preocupação com seus camaradas. Nas cartas aos familiares, Lenin deixou lavrada sua capacidade para captar a realidade, para compreender as massas, para remontar os pequenos fatos às generalizações, para encontrar e consolidar a linha que conduz da teoria e dos ideais gerais à vida tal qual é e vice-versa.

A luta da classe operária contra os capitalistas, para Lenin, era parte da luta mais geral contra todos os que vivem às custas do trabalho alheio e extorquindo força de trabalho. Esta luta só terminará com a passagem do poder político, entrega de toda a terra, instrumentos de trabalho, fábricas, máquinas e minas às mãos dos trabalhadores para organizar a produção socialista onde o todo produzido é todas as melhorias introduzidas na produção devem redundar em benefício dos próprios trabalhadores. Os capitalistas estrangeiros ainda hoje se lançam como abutres sobre as economias dependentes e periféricas dos países cujos governos se mostram benevolentes com o capital; são países onde os operários se encontram desunidos e incapazes de resistir à exploração e extorsão dos países centrais; são países nos quais o nível de vida dos operários, bem como o dos seus salários são muito baixos; são países onde os capitalistas estrangeiros obtêm enormes lucros, grosso modo, desconhecidos em seus respectivos países.

A velha Rússia tinha algo a ver com o Brasil de hoje, nela as grandes fábricas incrementavam ao máximo a opressão do capital sobre o trabalho, criando um complexo sistema de métodos de exploração; ao mesmo tempo, cooptavam uma infima parte dos operários (a *aristocracia operária*) cujo papel era dissuadir os operários de se levantarem contra o capital, e com uma outra ideologia procuravam impedir que eles compreendessem a necessidade da união como forte elemento da luta comum de toda a classe operária. Na luta de classe contra classe, os operários e camponeses se deparavam com as leis do Estado amparando e protegendo os capitalistas e seus interesses. As leis do Estado, além de serem redigidas aos interesses da classe capitalista, priva operários e camponeses da possibilidade de influir sobre elas e lograr sua modificação.

Ao ler Lenin não se "sabe" se estar a ler crônicas da Rússia de antanho ou críticas ácidas ao Brasil contemporâneo. Com um olho lá e outro cá, as coisas se misturam de uma tal maneira a deixar parecer que o Brasil, no século XXI, ainda não completou a travessia do século XIX. Tirem suas conclusões sobre o seguinte: os cidadãos são privados de toda participação na promulgação das leis, em sua discussão, na promoção de outras novas, tampouco podem reclamar a derrogação das velhas. Estão proibidos do direito de exigir prestação de contas aos funcionários (Ministros, Governadores, deputados...), de verificar seus atos e de acusá-los perante a justiça, estes se encontram isentos de toda responsabilidade, no sentido cabal da palavra, e constituem uma espécie de casta colocada acima dos cidadãos.

A falta de escrúpulos, de pudor e a arbitrariedade dos funcionários, assim como a absoluta impossibilidade para a população de fazer ouvir sua voz, dão lugar a escandalosos abusos de poder por eles praticados e a violações dos direitos do povo, inimagináveis em qualquer outro país. Segundo a lei, o governo goza de um poder absoluto; considera-se independente por completo a respeito do povo e por cima de todos os seguimentos e classes. Mas se realmente fosse assim, por que tanto a lei como o governo, em todos os conflitos entre operários e capitalistas, entre camponeses e latifundiários se colocam sempre do lado destes últimos?

Em Lenin, como hoje, o governo não está acima das classes! Sua histórica e augusta missão é proteger uma classe da outra, é proteger a classe possuidora dos ataques da classe dos despossuídos.

Alfim, a ditadura do proletariado é o "período de transição" do capitalismo ao comunismo e o Estado desse período é uma transição do Estado burguês ao "não Estado" que já não é Estado na verdadeira acepção da palavra.

Obrigado pela atenção!

TROTSKI E O TROTSKISMO

Evaristo Colmán¹



Da mesma forma que o leninismo não é outra coisa senão o marxismo aplicado à época do capitalismo monopolista, do imperialismo e decadência do regime burguês, o trotskismo é o marxismo do período da revolução socialista mundial. Lenin considerava-se um discípulo de Marx e Engels e nunca aceitou que suas contribuições para o marxismo fossem batizadas como leninismo. Igualmente Trotski, disse muitas vezes que era apenas um marxista, herdeiro e defensor do leninismo contra as tendências revisionistas que não deixaram e não deixam de conspirar contra sua integridade. Contudo, é destino quase inevitável que os aportes que fazem avançar as ciências acabem levando o nome dos

seus formuladores. Nesse sentido, pode-se falar com toda legitimidade de trotskismo sem violentar a essência do marxismo.

Lev Davidovich Bronstein, nasceu em 7 de novembro de 1879 em Yanovka (Ucrânia) e morreu assassinado por uma agente de Stalin em Coyoacán (México) em 20 de agosto de 1940. Desde o momento em que aderiu às posições revolucionárias, foi um ativo militante. Isso lhe valeu a deportação para Sibéria e o exílio. Em 1902, depois de fugir da Sibéria com o nome de Trotski, encontrou-se com Lenin em Londres, colaborou com a Iskra e participou do 2º Congresso do Partido Operário Social-democrata Russo - POSDR (julho de 1903), no qual surgiu a divisão entre bolcheviques (maioria, e partidários de Lenin) e mencheviques (minoridade, encabeçados por Martov e Axelrod). Durante um tempo colaborou com a Iskra controlada pelos mencheviques, mas, em 1904, publica "Nossas tarefas políticas", no qual repudia a idéia menchevique de aliança com os liberais.

Em 1905, participou da revolução e chegou a presidir o Soviete de Petrogrado. Com a derrota da revolução foi encarcerado na fortaleza Pedro e Paulo e depois deportado, novamente, para a Sibéria, de onde foge para Europa, permanecendo em Viena até as vésperas da Primeira Guerra Mundial. Em 1916, expulso da Espanha, embarca para Nova Iorque, de onde volta para a Rússia após a Revolução de Fevereiro. Os bolcheviques propõem o seu ingresso ao Comitê Executivo do Soviete de Petrogrado. Em julho de 1917, incorpora-se ao Partido Bolchevique e é eleito para o Comitê Central. Em setembro, preside o Soviete de Petrogrado e assume a direção do Comitê Militar Revolucionário, cujo papel foi decisivo na preparação e direção da revolução de outubro. Depois da tomada do poder, foi um dos principais dirigentes do novo Estado Operário Soviético e da Internacional Comunista até a morte de Lenin em 1924.

Após o falecimento de Lenin, Trotski foi objeto da conspiração e perseguição da burocracia soviética que, nas circunstâncias de refluxo do impulso revolucionário na Europa e liquidação da vanguarda operária bolchevique, consolidou-se como expressão da pequena-burguesia que aderiu, depois da revolução, ao Partido de Lenin. Banido da União Soviética, expulso de todos os países europeus que não lhe concederam asilo, encontrou finalmente refúgio no México, em 1938.

A revolução Permanente

O substantivo "trotskismo" para designar uma corrente política foi inicialmente utilizado pelo "centro", como era caracterizada a fração de Stalin na luta interna que se seguiu à morte de Lenin. A necessidade de destruir o prestígio e a influência de Trotski, de longe o mais capaz e brilhante dirigente do Partido Comunista depois de Lenin, era consequência da oposição que sua mais importante contribuição ao marxismo - a atualização da teoria da revolução permanente formulada por Marx e Engels -, representava para a doutrina estalinista do "socialismo num só país". Para atacar Trotski, contudo, não se limitaram a contrapor argumentos. Fabricou-se uma "história" segundo a qual este estivera em desacordo desde o princípio com Lenin. Reforçava esta compreensão a circunstância que, de fato, Trotski resistiu ao modelo de partido centralizado defendido por Lenin e só se convenceu do seu erro em 1917, quando ingressou no partido bolchevique e tornou-se o mais firme e consequente defensor do leninismo.

A idéia da revolução permanente foi originalmente formulada por Marx e Engels. No balanço da intervenção da Liga dos Comunistas, ocorrida durante os anos de 1848 e 1849, que fizeram na "Mensagem do Comitê Central à Liga dos Comunistas", ao avaliar a relação do partido proletário com as demais classes que lutavam contra os restos do absolutismo e do feudalismo na Europa, eles afirmavam que, à diferença da pequena-burguesia e os democratas, cujo interesse é concluir o mais rapidamente possível a revolução

... os nossos interesses e as nossas tarefas consistem em tomar a revolução permanente até que seja eliminada a dominação das

classes mais ou menos possuidoras, até que o proletariado conquiste o Poder do Estado, até que a associação dos proletários se desenvolva, não só num país, mas em todos os países predominantes do mundo, em proporções tais que cesse a competição entre os proletários desses países, e até que pelo menos as forças produtivas decisivas estejam concentradas nas mãos do proletariado (Marx e Engels, s/d:p.86).

No debate acerca da natureza da revolução, na Rússia pré-revolucionária, confrontaram-se duas posições entre os marxistas: todos coincidiam que a natureza dela seria burguesa, ou seja, deveria resolver as tarefas democráticas e nacionais. Mas isso não respondia à pergunta de qual a classe social seria capaz de dirigir a execução dessas tarefas democráticas e qual o regime político que resultaria dessa revolução. O grupo de Plekhanov, Axelrod, Zassulitch, Mártov e os outros mencheviques afirmavam que o papel dirigente numa revolução burguesa cabia à burguesia e que o proletariado deveria apoiá-los, cuidando apenas de defender os interesses da classe operária.

Lênin, pelo contrário, considerava que a emancipação da servidão significava, antes de tudo, a solução radical do problema agrário, ou seja, a liquidação definitiva da classe dos grandes proprietários fundiários e a transformação revolucionária da propriedade fundiária. Na medida em que a burguesia liberal, que se opunha aos operários, estava vinculada à grande propriedade fundiária, a libertação verdadeiramente democrática da classe camponesa só podia realizar-se pela cooperação revolucionária dos operários e camponeses. Em caso de vitória, essa revolta comum contra o antigo regime devia acarretar, segundo Lênin, a instauração da "ditadura democrática do proletariado e dos camponeses". Era uma fórmula geral, "algébrica" como diria Trotski, mas não resolvia, de antemão, a questão das relações políticas entre as duas partes da eventual ditadura democrática: o proletariado e os camponeses.

Trotski opunha-se à fórmula da "ditadura democrática do proletariado e dos camponeses", por achar que tinha o defeito de deixar sem resposta a pergunta: a qual dessas duas classes pertencerá a ditadura real? Demonstrava que, a despeito de sua enorme importância social e revolucionária, os camponeses não são capazes de formar um partido verdadeiramente independente e, muito menos, de concentrar o poder revolucionário nas mãos desse partido. A conclusão era de que a revolução burguesa só podia realizar-se, de fato, se o proletariado, apoiado pelos milhões de camponeses, concentrasse em suas mãos a ditadura revolucionária.

A ditadura do proletariado seria o instrumento para resolver os objetivos históricos da revolução burguesa retardatária. Mas essa não poderia ser contida aí. No poder, o proletariado seria obrigado a fazer incursões cada vez mais profundas no domínio da propriedade privada em geral, ou seja, empreender o rumo das medidas socialistas. A revolução russa de 1917 deu completa razão a Trotski e, o próprio Lênin adotou o ponto de vista da revolução permanente nas suas Teses de Abril, redigidas após sua volta do exílio em véspera dos acontecimentos de outubro. De acordo com Trotski:

A revolução permanente, no sentido atribuído por Marx à esta concepção, significa uma revolução que não quer transigir com nenhuma forma de dominação de classe, que não se detém no estágio democrático, mas passa às medidas socialistas e a guerra contra a reação exterior; uma revolução em que cada etapa esta contida em germe na etapa precedente, uma revolução que só acaba com a liquidação total da sociedade de classes. (Trotski, 1977:p.33).

A teoria da revolução permanente implica três categorias de idéias.

Quanto à passagem da revolução democrática à revolução socialista. A idéia da revolução permanente foi formulada por Marx e Engels para enfrentar a ideologia burguesa que, como se sabe, pretende que, após o estabelecimento de um Estado "nacional" ou democrático, todas as questões possam ser resolvidas pela via pacífica da evolução e das reformas. Marx não considera a revolução burguesa de 1848 senão como o prólogo imediato da revolução proletária.

Enquanto o marxismo vulgar considerava que o caminho para a ditadura do proletariado passa por um longo período de democracia, a teoria da revolução permanente demonstra que para os países atrasados, o caminho para a democracia passa pela ditadura do proletariado. Por conseguinte, a democracia era considerada não como um fim em si, que deveria durar dezenas de anos, mas como o prólogo imediato da revolução socialista. Ela demonstrava que, em nossa época, o cumprimento das tarefas democráticas, proposto pelos países burgueses atrasados, conduzia diretamente à ditadura do proletariado, que coloca as tarefas socialistas na ordem do dia.

Em seu terceiro aspecto, a teoria da revolução permanente implica no caráter internacional da revolução socialista que resulta do estado da economia e da estrutura social da humanidade.

O internacionalismo não é um princípio abstrato: ele não é senão o reflexo político e teórico do caráter mundial da economia, do desenvolvimento mundial das forças produtivas e do impeto mundial da luta de classes. A revolução socialista começa no âmbito nacional mas nele não pode permanecer. A revolução proletária não pode ser mantida em limites nacionais senão sob a forma de um regime transitório, mesmo que este dure muito tempo, como o demonstra o exemplo da União Soviética. No caso de existir uma ditadura proletária isolada, as contradições internas e externas aumentam inevitavelmente e ao mesmo passo que os êxitos. Se o Estado proletário continuar isolado, ele, ao cabo, sucumbirá vítima dessas contradições. Sua salvação reside unicamente na vitória do proletariado dos países avançados. Deste ponto de vista, a revolução nacional não constitui um fim em si, apenas representa um elo da cadeia internacional. A revolução internacional, a despeito de seus recuos e reflexos provisórios, representa um processo permanente. (Trotski, 1977:p.36).

A revolução bolchevique de outubro de 1917, a edificação do primeiro Estado Operário e o desenvolvimento dos acontecimentos que estão concluindo com a restauração capitalista nos estados operários degenerados constituem a mais completa confirmação das teses de Trotski.

A Quarta Internacional

Outro aspecto que o proletariado mundial e sua doutrina, o marxismo, devem a Trotski foi o de ter mantido em alto a defesa do internacionalismo proletário, princípio revolucionário sem o qual a classe operária se dissolveria como massa amorfa em mãos das correntes pequeno-burguesas ou burguesas.

Desde os primeiros esforços realizados pela Liga dos Comunistas – cujo programa era o Manifesto do Partido Comunista– o proletariado buscou estruturar o seu partido. Devido à natureza internacional da classe operária, que decorre do caráter internacional do capitalismo, o seu partido só pode ser um partido internacional, e os partidos nacionais, seções desse partido internacional. Depois da AIT e da Segunda Internacional, o proletariado levantou a Internacional Comunista em 1918. Entretanto, após a degeneração completa desta pela condução da burocracia estalinista e, tendo fracassado todas as tentativas da oposição de esquerda de reformá-la, chegou-se à conclusão de que a I.C. havia se passado para o lado da ordem burguesa e que cumpria um papel cinicamente contra-revolucionário.

Como herdeiro da tradição marxista revolucionária, León Trotski assumiu a tarefa de fundamentar a construção da Quarta Internacional, baseado no programa do proletariado revolucionário que incorpora, desde o Manifesto do Partido Comunista, passando pelas teses e resoluções dos primeiros quatro congressos da Intencional Comunista toda a riqueza do leninismo. Escreveu além tantas outras coisas, o Programa de Transição (A Agonia do Capitalismo e as Tarefas da IV Internacional), seu documento fundacional. Nele, se desenvolve a idéia de um programa de reivindicações transitórias que supera a velha divisão realizada pelo reformismo entre "programa mínimo" e "programa máximo", cuja finalidade na prática é limitar a ação do proletariado a conseguir migalhas pelos métodos pacíficos e parlamentares (programa mínimo) e esquecer a finalidade histórica de liquidação revolucionária do capitalismo.

A concepção leninista subjacente ao programa de transição e à Quarta Internacional significa que o partido do proletariado só se constrói sobre um programa definido e que incorpore as conquistas das massas em luta contra a opressão capitalista. No Programa de Transição se lê:

A tarefa estratégica da IV Internacional não consiste em reformar o capitalismo, mas em derrubá-lo. Seu objetivo político é a conquista do poder pelo proletariado para realizar a expropriação da burguesia. (Trotski, 1979:p.77).

O fato de a Quarta Internacional ter nascido numa época de profundo retrocesso na constituição da direção revolucionária não significa que não tenha vigência, pelo contrário! É precisamente diante do quadro de desagregação e traição das direções operárias que a construção da Quarta Internacional se torna mais urgente e mais necessária, pois, do contrário, não é possível imaginar sequer a derrocada da ordem burguesa.

Na atualidade, o predomínio da pequena-burguesia nas organizações políticas das chamadas "esquerdas" provoca a renúncia à tese central de construção do partido mundial da revolução, a Quarta Internacional. Correntes que se auto-proclamam "trotskistas" constituem a herança do grande revolucionário para justificar todo tipo de oportunismo eleitoral, aparelhista, assim como no passado justificaram desvios foquistas e nacionalistas.

Em 3 de setembro de 2008, vão se comemorar os 70 anos da fundação da Quarta Internacional. As novas gerações de revolucionários devem apropriar-se de toda a herança do proletariado mundial, do marxismo leninismo e das formulações de León Trotski que pouco antes de ser assassinado escrevera:

Nos quarenta e três anos de minha vida consciente, permaneci um revolucionário; durante quarenta e dois destes, combati sob a bandeira do marxismo. Se tivesse que recomeçar, procuraria evidentemente evitar este ou aquele erro, mas o curso principal de minha vida permaneceria imutável. Morro revolucionário proletário, marxista, partidário do materialismo dialético e, por consequência, ateu irreduzível. Minha fé no futuro comunista da humanidade não é menos ardente: em verdade, ela é hoje mais firme do que o foi nos dias de minha juventude (Testamento León Trotsky - 27 de Fevereiro de 1940).

Referências:

- MARX, Karl & ENGELS, Frederico. **Obras Escolhidas**. São Paulo, Editora Alfa Omega; s/d.
 TROTSKI/LENIN. **A Questão do Programa**. São Paulo, Kairos;1979.
 TTROTSKI, Leon. **A Revolução Permanente**. Lisboa, Antídoto, 1977.
 (Footnotes)

1 Doutor em História pela UNESP. Docente do Curso de Serviço Social da UEL

CULTURA E REVOLUÇÃO EM GRAMSCI

Lucelma Braga

A experiência política vivida por Antonio Gramsci na Itália do início do século XX possibilitou a compreensão do aparelho de Estado como a síntese dialética de complexas relações entre sociedade civil e sociedade política. O entendimento desses conceitos é fundamental para compreender a relação entre cultura e revolução proposta por este intelectual e militante marxista. A sociedade política, segundo ele, diz respeito ao conjunto



de aparelhos por meio dos quais a classe dominante exerce seu monopólio legal ou a violência, atuando pela via da coerção, do domínio. Por sociedade civil, Gramsci compreende o conjunto de instituições responsáveis pela representação dos interesses dos diferentes grupos sociais e pela elaboração e difusão de valores simbólicos e de ideologias, que operam pela via do consenso, da direção (igreja, partidos políticos, sistema escolar, organizações profissionais, meios de comunicação, instituições de caráter científico e artístico, etc.). Nesse sentido, o conceito de Estado em Gramsci inclui a sociedade política somada a sociedade civil, ou seja, as dimensões da coerção e do consenso.

Buscando "responder" a questão *Por que perdemos?* em um momento que as condições de crise econômica e de efervescência do movimento operário faziam esperar o avanço do processo revolucionário, Gramsci elabora os conceitos de *guerra de movimento* e *guerra de posição*, que possibilitaram a formulação de sua estratégia revolucionária para as sociedades onde a democracia formal está, desde algum tempo, consolidada. Em formações sociais em que a sociedade civil não se desenvolveu plenamente, a luta entre as classes sociais fundamentais travou-se pela tomada do aparelho de Estado. O movimento revolucionário expressou-se de modo frontal, como é entendido na guerra de movimento. Já em formações sociais em que se nota um equilíbrio entre sociedade política e sociedade civil, a luta de classes tem como terreno prévio e decisivo os aparelhos privados de hegemonia. Tendo em vista a obtenção da direção político-ideológica, ou seja, a conquista processual de espaços no seio e por meio da sociedade civil, ele formulou o conceito de guerra de posição. Desse modo, seria necessário acerrar o aparelho de Estado com uma *outra hegemonia*, nascida da organização da classe trabalhadora, expressão do desenvolvimento de suas instituições culturais, onde se realizaria a *reforma intelectual e moral* e de onde se originaria uma nova cultura, capaz de rever as normas e os valores na perspectiva de construção de uma sociedade socialista.

A relação entre cultura e revolução em Gramsci deve ser entendida tomando-se por base essas elaborações. Esse é um tema recorrente na produção intelectual do referido pensador militante, tendo sido abordado desde os chamados "Escritos Políticos", obra produzida no período pré-carcerário, bem como na obra produzida durante o seu encarceramento, denominada "Cadernos do Cárcere". Considerando os limites deste texto e a extensão e profundidade com que o tema aparece no pensamento gramsciano, iremos nos limitar a pontuar algumas passagens de um único texto publicado no semanário denominado *Il grido del popolo* (15/01/1916), ficando o aprofundamento mais adequado do tema para uma outra oportunidade de debate, promovida pelo coletivo que compõe o Grupo de Estudos e Pesquisas Marxismo, História, Tempo Livre e Educação.

No *Escrito intitulado Socialismo e Cultura*, Gramsci discute essa relação, esclarecendo-a como a entende. Para ele, era "preciso perder o hábito e deixar de conceber a cultura como saber enciclopédico, no qual o homem é visto apenas sob a forma de um recipiente a encher e entupir de dados empíricos, de fatos brutos e desconexos, que ele depois deverá classificar em seu cérebro como nas colunas de um dicionário, para poder em seguida, em cada ocasião concreta, responder aos vários estímulos do mundo exterior". Esse modo de conceber a cultura é considerado burguês e fossilizado, servindo apenas para "criar aquele tipo de intelectualismo balofa e incolor" que gerou toda uma "taverna de presunçosos e sabichões, mais deletérios para a vida social do que os micróbios da tuberculose e da sífilis" são para a beleza e a saúde física dos corpos". A cultura, conforme entendida por Gramsci, é algo bem diverso. "É organização, disciplina do próprio eu interior, apropriação da própria personalidade, conquista da consciência superior", o que implica, como é possível perceber, entender a cultura em seu aspecto social mais amplo, enquanto *organização da cultura*, que possibilita adquirir "consciência de seu próprio valor e conquistar o direito de viver independentemente dos esquemas e dos direitos de minorias que se afirmaram historicamente num momento anterior" e em seu aspecto individual, ou seja, a cultura entendida como o processo de "conhecer a si mesmo", de distinguir-se, subtrair-se fora do caos, de educação da vontade, em suma, cultura como "governo de si mesmo".

Esses dois aspectos são basilares para o processo revolucionário e se dão de modo concomitante, separados aqui apenas para efeito didático. Tal definição, segundo ele, advém da própria experiência histórica que tornou a classe burguesa porta-voz dos interesses do conjunto da humanidade. Entendido precariamente pelos críticos da razão teórica, o período cultural que antecedeu a Revolução Burguesa, chamado de Iluminismo, "não foi de modo algum - ou, pelo menos, não foi inteiramente - aquele borboletear de inteligências enciclopédicas superficiais que discorriam sobre tudo e todos com idêntica imperturbabilidade" [...] "não foi apenas um fenômeno de intelectualismo pedante e árido, foi uma magnífica revolução [...] que criou em toda a Europa [...] uma consciência unitária, uma internacional espiritual burguesa". Foi a partir desta compreensão que ele afirmou ser a cultura/educação o principal problema de classe.

Como os iluministas, os socialistas não poderão deixar de realizar "uma magnífica revolução" em sua cultura, sem a qual a conquista do poder estará fadada ao fracasso.

E "toda revolução deve ser precedida por um intenso e continuado trabalho de crítica, de penetração cultural" [...] "é através da crítica à civilização capitalista que se forma ou está se formando a consciência unitária do proletariado", resultado do trabalho cotidiano dos *intelectuais orgânicos* dessa classe. É o trabalho de organização da cultura, de desenvolvimento do gosto pelo livre debate e de subtração do inexplicável pelo uso da razão e da inteligência, articulado ao conhecimento profundo sobre si mesmo, seus limites pessoais e incrustações burguesas ainda existentes que torna possível, "acelerar o futuro", em sentido gramsciano.

LUKÁCS E O MARXISMO

Lalo Watanabe Minto

"A relação com Marx é a verdadeira pedra de toque para todo intelectual que leva a sério a elucidação da sua própria concepção de mundo, o desenvolvimento social, em particular a situação atual, o seu próprio lugar nela e seu próprio posicionamento em relação a ela" (Lukács, 1988, p. 91).



Falar do filósofo húngaro György Lukács nos obriga, antes de tudo, a afirmar o óbvio: trata-se de um homem de seu tempo, um pensador que viveu as profundas contradições que marcaram o século XX e teve sua obra decisivamente influenciada por elas. Alguns de seus textos, dedicados a rever e criticar certas opções teóricas, expressam precisamente isso: *Meu caminho para Marx* (1933); o posfácio de 1967 à *História e Consciência de Classe*, além de inúmeras entrevistas. Se há continuidade ou ruptura em sua obra, essas são questões que não serão aqui aprofundadas. Para o que nos interessa, importa ressaltar que Lukács é pouco conhecido quando se trata do conjunto de sua obra, em especial, de sua produção no pós-2ª metade dos anos 1950. É sobre essa produção que vamos dedicar especial atenção neste texto.

Em seus últimos anos de vida, Lukács reivindicou o "redescobrimto" de Marx, de sua verdadeira filosofia e, sobretudo, de seu método. Sua inspiração fundava-se, em grande medida, nas deformações promovidas pelo Stalinismo, não só na União Soviética, mas em todo o âmbito do chamado "marxismo oficial" (LUKÁCS, 1997, p. 85-6). Interpretava a obra de Marx como um processo de desenvolvimento que caminhou para a superação dos resquícios de sua formação hegeliana, não admitindo a ideia de uma "ruptura", o que considerava uma "estupidez historiográfica". Já na chamada "obra de juventude" estariam contidos os fundamentos da ontologia marxiana, isto é, a indicação dos "lineamentos de uma ontologia histórico-materialista", superando com isso as "tentativas ontológicas" anteriores (sobretudo as do velho materialismo e a de Hegel, que, ao seu modo, entenderam a relação entre o ser e a consciência como antinômicas). Isso motivou Lukács a propor a tarefa de "iluminar o edifício conceitual de uma nova ontologia", na qual a consciência teria de ser entendida como "produto tardio" do desenvolvimento do ser material, já que, em Marx "o ponto de partida não é dado nem pelo átomo (como nos velhos materialistas), nem pelo ser abstrato (como em Hegel)". (LUKÁCS, 1978, p. 02).

Nessa ontologia histórico-materialista pressupõe-se que há certas leis, certos nexos causais da natureza aos quais o homem (e toda a atividade humana) deve, necessariamente, submeter-se. O homem pode conhecer e utilizar tais nexos causais por intermédio de posições teleológicas (ação consciente que, conhecendo uma finalidade, antecede certa atividade humana), mas não pode mudá-los. Isso tem implicações para a questão do conhecimento, já que se supõe que o real existe independentemente de nossa capacidade em apreendê-lo. Portanto, não haveria em Marx uma preocupação direta e exclusiva quanto a uma sistemática epistêmica (da consciência). Tratar-se-ia, por outro lado, de entender a totalidade do real: "a realidade é unitária no sentido de que todos os fenômenos da realidade (sejam eles inorgânicos ou sociais) desenvolvem-se segundo certos nexos causais em certos complexos, com ações recíprocas em seu interior e ações recíprocas de um complexo com relação ao outro" (LUKÁCS, s/d., p. 71). Assim, elimina-se a possibilidade de se cair numa mera teoria do conhecimento. Na dialética marxiana há uma "regência objetiva" sobre o processo de apreensão do real, mesmo que o sujeito em questão - o ser social - seja necessariamente um ser "ativo" (que conhece a realidade e posiciona-se perante ela). Não se limita à "representação caótica do todo", mas busca-se a rica totalidade de determinações e relações diversas ocultadas no plano do imediato, reafirmando a tese de Marx de que o processo do conhecimento é a forma de proceder do pensamento para se apropriar do concreto, como "concreto pensado", não sendo, de modo algum, idêntico à própria realidade.

A grande síntese a que conseguiu chegar Lukács está contida nas reflexões, inacabadas e incompletas, de sua obra *Para uma ontologia do ser social*. Nela, o autor insiste na distinção entre *ontologia do ser social* e antropologia, mas não propõe uma "natureza social" distinta e indissociada da natureza objetiva. A ideia do "destacamento" do *ser social* com relação ao *ser orgânico* e *inorgânico* tem, para ele, o estatuto de uma superação dialética: forma qualitativamente distinta de ser que não faz sentido sem o *ser da natureza*, mas também não se restringe aos nexos causais na sua determinidade dada (natural), tendo como base objetiva uma imensidão de possibilidades que se abrem quando se tem um ser que produz e reproduz a si próprio precisamente por meio da

transformação consciente dessa natureza dada (o ser social). É por essa razão que a questão de compreender e explicar os fundamentos ontológicos das ações humanas mais complexas, mais particulares (os grandes projetos de Lukács nas reflexões sobre estética e ética), toma como fundamento a ontologia do trabalho em Marx. Esta centralidade do trabalho busca compreender o sentido profundo do estatuto ontológico presente em Marx e que tem na sua dialética do trabalho todas as suas principais dimensões desenvolvidas. Sobre isso, Chasin (1982, p. 58) diz que a estreita vinculação entre ontologia, "enquanto tematização geral do objeto real existente", e lógica da particularidade, "como pedra angular do processo de concreção", define a grande contribuição de Lukács: a possibilidade de acesso ao real tal como ele é. Isto é, apreensão das mediações necessárias para uma tal compreensão, o que definiria, por consequência, uma prática política orientada para a superação da alienação.

Visto em sua complexa historicidade, pode-se então afirmar que o legado lukacsiano funda-se em algumas grandes contribuições, descritas aqui de modo superficial: 1) a rejeição de toda forma de marxismo vulgar, mecanicista, bem como a recuperação de categorias negligenciadas por este marxismo, como alienação/estranhamento; 2) a superação do postulado da identidade sujeito-objeto, de cunho idealista, e característico de sua obra anterior; 3) o reconhecimento e a tentativa de teorizar – não negligenciando a categoria fundamental da totalidade – sobre o papel ontológico essencial das formas da consciência para a história humana (incluindo questões estéticas e éticas), desprezado pelo materialismo vulgar no século XX; 4) a apreensão da importância teórica da particularidade do desenvolvimento capitalista, como Marx e Engels fizeram em relação ao caso alemão.

Homem profundamente ligado aos problemas de seu tempo – e contra ele, como destaca Chasin – Lukács preocupava-se em compreender os fenômenos mais essenciais desse período histórico, tendo que assumir posições polêmicas. Suas críticas ao irracionalismo e às formas herdadas por este no pós-guerra são fundamentais, assim como o são suas preocupações diante dos problemas do dogmatismo stalinista. Resgatando a idéia da decadência ideológica do pensamento burguês, já presente em Marx e Engels, combateria as teses apoloéticas que afirmavam o fim da história e das alternativas de transformação social, recolocando as categorias mais importantes do pensamento crítico a disposição de uma alternativa socialista e, de alguma forma, também antecipando a crítica ao pensamento dito pós-moderno.

Por outro lado, essa "alternativa" também gerou problemas, abertamente reconhecidos por seus intérpretes. O viés estritamente "filosófico" das problemáticas propostas – e/ou repostas – por Lukács, talvez tenham ofuscado suas contribuições teóricas e alimentado muitas críticas injustas ao seu legado. István Mészáros atesta que boa parte destas decorria mesmo da ignorância com relação à obra última de Lukács, alvo de muita resistência entre os intelectuais. Tais obras sequer foram traduzidas e disponibilizadas em muitos países, para não falar das incompreensões que recaíram sobre sua obra anterior. *História e Consciência de Classe*, obra essencial dos anos 1920, chegara, por exemplo, a ser utilizada como arma contra o marxismo e motivo de acusações como a de que Lukács havia capitulado diante do Stalinismo. E foi o próprio Mészáros quem elaborou uma crítica radical e profunda sobre as lacunas de Lukács nas suas tentativas de solução propostas aos problemas práticos de seu tempo. Segundo ele, a maior delas foi ter tomado o trabalho como fundamento da "postulação teleológica em geral" e "modelo de toda a liberdade", fundamento por meio do qual se esperaria que fosse possível aos indivíduos, por meio de sua capacidade de escolha entre alternativas, optar pela superação das condições de sua alienação. Isto é, que essa escolha "cumpra o papel de mediação emancipadora da ética num mundo preso ao círculo vicioso das mediações de segunda ordem do capital" (não diretamente econômicas) (MÉSZÁROS, 2002, p. 494).

De outra maneira, poder-se-ia dizer que Lukács teria se afastado dos movimentos mais concretos do real para procurar soluções muito abstratas: "O discurso de Lukács sobre a ética opera num nível de abstração em que as mediações materiais realmente existentes – alienadas e alienantes – têm importância secundária, já que a ética em si deve supostamente cumprir o papel crucial de mediação entre o particularismo dos indivíduos e a humanidade-para-si" (idem, p. 499). Apesar de tais críticas, Mészáros reconheceu que Lukács não poderia produzir outra coisa no contexto em que viveu, sobretudo na forma pela qual absorveu as vicissitudes do "socialismo real". Acrescenta que as críticas comuns ao seu legado não passam de tentativas, práticas e teóricas, de combate ao próprio marxismo, cujo horizonte – o da emancipação humana – Lukács jamais abandonara, não sucumbindo, portanto, aos imperativos pessimistas de um tempo histórico adverso.

Entendemos, portanto, que a atualidade da obra de Lukács se revela à medida que este seu legado teórico permite iluminar uma série de caminhos para a apreensão do real em sua totalidade. Se, à primeira vista, pode parecer paradoxal que Lukács desenvolvesse sua obra num sentido oposto ao de Marx, como que "refugiando-se" nas questões mais abstratas da filosofia, este movimento se justifica no contexto em que sua obra foi produzida. Seu embate travava-se não por um "retorno idealista a Hegel" (crítica comum feita a ele), mas contra a negação da importância da obra filosófica de Marx em suas reflexões "maduras" (idéia da ruptura epistemológica). Ademais, Lukács reconheceu que era imprescindível não se deter nos mesmos marcos que a época histórica de Marx lhe havia permitido, e sim percorrer os caminhos abertos pela sua filosofia e método, aprofundando a crítica e a apreensão de nossos tempos. Ao contrário de buscar repostas prontas para os problemas da atualidade na obra marxiana (o que seria, de fato, paradoxal), afirma-se a necessidade de apreender o real em sua forma atual (sua totalidade determinada), considerando sua complexidade e seu processo de formação histórica.

Falar, portanto, das contribuições de Lukács hoje significa, de muitas maneiras, reportar-se à Marx. Carece de sentido atribuir a ele a pretensão de um "lukacsianismo". Arriscando uma opinião, poder-se-ia dizer que a grande lição que a trajetória de Lukács

nos ensina é sobre o papel fundamental do intelectual que se pretende revolucionário. O rol de questões por ele propostas e/ou apenas repostas, dão a precisa dimensão disso, pois contribuem para uma compreensão sobre a necessidade de ver os problemas mais candentes da humanidade na sua concreção, na sua particularidade. Entender o papel das formas da consciência na história humana recente – decerto, não mais pela opção de uma "ontologia em geral" – cujo mérito de Lukács foi o de ter tentado aprofundar as profundas relações entre objetividade e subjetividade, tidas não mais sob o princípio da identidade, mas de uma unidade totalizante, da qual a vida cotidiana é a sua expressão fenomênica e, ao mesmo tempo, essencial. Desse grande pensador, podemos reafirmar a necessidade de refletir sobre o papel necessário de uma práxis transformadora para o presente. Práxis que não pode prescindir do trabalho intelectual como dimensão fundamental da ação consciente dos homens para o revolucionar social. Um trabalho e uma práxis que permitam dar respostas aos grandes desafios do presente, em todas as suas complexas dimensões, no sentido da realização objetiva dos horizontes da emancipação humana e da construção de uma sociedade para além do capital.

Bibliografia

- ANTUNES, R. e RÉGO, W. (Org.) *Lukács: um Galileu no século XX*. São Paulo: Boitempo, 1996.
- CHASIN, José. *Lukács: vivência e reflexão da particularidade*. *Nova Escrita Ensaio*, ano IV, n. 9: 55-69, jan. 1982.
- LUKÁCS, Georg. *As bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem*. *Temas de Ciências Humanas*, v. 4, São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1978.
- _____. *Conversando com Lukács*. São Paulo: Paz e Terra, s/d.
- _____. *Crisis Gêmeas*. In: SADER, E. (Org.) *Voices do século*. Entrevistas da New Left Review. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 83-107.
- _____. *Democracia burguesa, democracia socialista e outras questões*. *Nova Escrita Ensaio*, ano IV, n. 8: 41-50, jan. 1981.
- _____. *História e consciência de classe: estudos de dialética marxista*. (posfácio de 1967). Rio de Janeiro: Elífos Ed.; Porto, Portugal: Publicações Escorpão, 1989. p. 349-78.
- _____. *Meu caminho para Marx*. In: CHASIN (Org.) *Marx hoje*. 2ed. São Paulo: Ensaio, 1988. p. 91-107.
- _____. *Ontologia do Ser Social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx*. [trad. Carlos Nelson Coutinho] São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1979.
- _____. *Ontologia do Ser Social: o trabalho*. [trad. Ivo Tonet] (mimeo).
- _____. *Pensamento vivido: autobiografia em diálogo de Georg Lukács: entrevista a István Eörsi e Erzsébet Vezér*. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem; Viçosa, MG: Ed. UFV, 1999.
- LUKÁCS, György. (prefácio) In: HELLER, Agnes. *Sociologia de la Vida Cotidiana*. Ediciones Peninsula, 1977.
- MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo; Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- _____. *Tempos de Lukács e Nossos tempos – Socialismo e liberdade*. (entrevista). *Ensaio*, n. 13: 09-29, 1984.
- PINASSI, Maria Orlando. *György Lukács – escritos políticos e filosóficos (resenha de Testamento político e outros escritos sobre política e filosofia)*. *Margem esquerda*, n. 3: 193-7. São Paulo: Boitempo, abril de 2004.
- TERTULIAN, Nicolas. *O grande projeto da Ética*. *Ensaio Ad Hominem* 1, n.1, Tomo I – Marxismo. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, 1999. p. 125-38.

FLORESTAN FERNANDES, O INTELLECTUAL PANORÂMICO: COMPROMISSO COM A LUTA TEÓRICA E A REVOLUÇÃO SOCIALISTA

Gilcilene de Oliveira Damasceno Barão
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense/UERJ



Em 10 de agosto de 1995, morre, aos 75 anos, Florestan Fernandes. Florestan foi um menino de origem proletária e ascendência portuguesa. Ao nascer, recebeu da patroa da mãe o apelido de Vicente, porque ela considerou o nome Florestan garboso demais para um filho de empregada. A partir dos 6 anos, passou a conhecer a vida prática pelo mundo do trabalho nas ruas da cidade de São Paulo. Foi ajudante de barbearia,

engraxate; trabalhou na limpeza de casas, foi carregador de compras nas feiras livres, aprendiz de alfaiate e de barbeiro.

Após a infância, Florestan assumiu vários outros afazeres: foi garçom, cozinheiro, vendedor de artigos dentários, propagandista de remédios, publicista da grande imprensa e de jornais alternativos, professor universitário, pesquisador, construtor da Sociologia crítica e, na última fase de sua vida, quando parlamentar, continuou pautando-se pelo compromisso pessoal e político com "os de baixo", o qual foi reafirmado e aprofundado em diferentes momentos da sua trajetória. Pode-se dizer que o compromisso de classe é a marca deste intelectual panorâmico, para usar os termos de Mariategui¹.

Após sua morte, inicia-se uma espécie de reabilitação de Florestan, por meio de produções acadêmicas, estudos biográficos e artigos, que tendem a deixar os pesquisadores de sua produção confusos diante das diversas e contraditórias

interpretações. Nessas produções manifesta-se uma disputa em torno da sua herança teórica e da sua memória, ou seja, do significado da sua vida e da sua obra.

Pode-se classificar em pelo menos três grandes grupos a produção sobre a obra de Florestan. No primeiro grupo, encontram-se os trabalhos que visam recuperar Florestan como um autor que contribuiu para a história da sociologia, mas que está superado e, ademais, nesse grupo alguns defendem a existência de uma dicotomia entre o sociólogo integrado à ordem burguesa e o político socialista, e que nessa última fase o autor não poderia mais ser considerado como um cientista². No segundo grupo, encontram-se as produções que buscam referências teóricas em sua obra e, no terceiro grupo, estão os estudos cujo foco é o estudo biográfico. Trata-se neste artigo de dialogar com as contribuições teóricas de Florestan, pois estas propiciam diversos subsídios ao debate do marxismo na realidade brasileira e, em especial, à relação entre marxismo e educação. A elaboração de suas problemáticas de pesquisas tem como cenário histórico e elementos determinantes a consolidação do capitalismo monopolista, a contra-revolução no Brasil, o diálogo com os clássicos da sociologia e o debate com a produção teórica dos diversos campos da esquerda.

Florestan foi um grande pensador que elegeu um problema e dedicou a vida inteira a compreendê-lo e transformá-lo, no sentido da décima primeira Tese de Feuerbach³ escrita por Marx. Como intelectual de esquerda e marxista conseqüente, esforçou-se na análise da realidade brasileira e produziu conhecimentos visando transformá-la. Em sua complexa obra, nota-se a preocupação constante em explicar o capitalismo e oferecer referências para entender o dinamismo da luta de classes na formação econômica e social latino-americana. Dois eixos pautam as escolhas de suas investigações e produção científica: desenvolvimento da ciência social e relevância histórico-social. Com efeito, as pesquisas e as lutas sociais empreendidas (índios, negros, folclore, defesa da escola pública, reforma universitária) representaram a perspectiva de explicar a sociedade a partir dos oprimidos, dos dominados e da transformação social.

De um lado, Florestan constituiu-se num intelectual que usou a luta teórica como trincheira de combate⁴ e estabeleceu profícuo diálogo com várias fontes das ciências sociais, economia e história, inaugurando a sociologia crítica. De outro, o ponto de chegada de suas contribuições ao marxismo pode-se inventariar as seguintes temáticas e categorias: estudo do imperialismo na América Latina, recuperação da revolução (revolução dentro da ordem e revolução contra a ordem), contra-revolução burguesa, noção de época histórica, explicação da especificidade da formação econômica e social no Brasil, e periodização do capitalismo, com ênfase nas implicações do capitalismo monopolista e do imperialismo sobre o capitalismo dependente. Florestan, a exemplo de Marx, Engels, Lênin, Mariátegui, Gramsci e Baran (no estudo do Japão e da Índia), buscou recuperar os elementos estruturais e históricos específicos da revolução burguesa no Brasil e, também, teve como horizonte de análise as revoluções proletárias em curso no século XX. **Quanto ao debate da revolução, cabe destacar dois aspectos: primeiro que Florestan considera que os precursores deste na América Latina, por meio da investigação engajada, foram José Carlos Mariátegui, Caio Prado Junior e Sérgio Bagu e, segundo, a revolução cubana teve impactos profundos em suas análises teóricas e na defesa da revolução socialista.**

Nestas breves linhas é possível observar o seu ponto de partida - menino que viveu e trabalhou nas ruas de São Paulo; e o seu ponto de chegada - um socialista (marxista-leninista) que manteve compromissos políticos com os trabalhadores e sua classe de origem. Como dizia Mariátegui, um homem panorâmico com ideais de presente e de futuro, onde a alienação e exploração não roubassem dos homens o seu direito de ser humano. Um futuro cuja construção no hoje levasse ao socialismo⁵.

Rio de Janeiro, 26 de agosto de 2008

(Footnotes)

¹ MARIATEGUI, J.C. *Temas de educacion*. Lima: Biblioteca Amauta, 1984.

² No âmbito do marxismo a questão de opor a trajetória do jovem contra o velho Marx surge após 1930, precisamente com a edição dos *Manuscritos Econômicos e Filosóficos de 1844*. Havia fora da tradição marxista um combate explícito ao pensamento de Lênin, à revolução de 1917 e neste ambiente de hostilidade as diversas interpretações dos *Manuscritos* possibilitaram o mito dos dois Marx, ou seja, a oposição entre o Marx maduro e o jovem Marx. De outro lado, na própria tradição marxista muitos socialistas anti-soviéticos seguiram considerando que houve traição dos comunistas ao marxismo e que o próprio Marx foi inconseqüente por conta do abandono dos princípios promovidos inicialmente. É neste contexto que se deve situar a dicotomia imposta, por determinados autores, a obra de Florestan.

³ "Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo." Cf. MARX, Karl. *Teses sobre Feuerbach*.

<http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>. Acesso em 21/08/2008.

⁴ Lênin, citando Engels, afirma que o proletariado deve atuar em três frentes de luta: a econômica, a política e a teórica.

⁵ Algumas referências básicas para compreender as contribuições de Florestan: FERNANDES, F. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. RJ: Zahar, 1968. FERNANDES, F. *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. RJ: Zahar editores, 1975. FERNANDES, F. *A Revolução burguesa no Brasil*. RJ: Zahar, 1975. FERNANDES, F. *A sociologia no Brasil*. RJ: Vozes, 1980. FERNANDES, F. *O que é revolução*. SP: abril, 1984.

A MORTE CANSADA

Com produção em alta e salários em queda, excesso de trabalho ronda canaviais.

Se dinheiro chama dinheiro, como dizem, então pobreza chama pobreza - e tragédia agoura tragédia. Procurada em Guariba para conversar sobre o marido, morto após passar mal no canavial em 2005, Maildes de Araújo se põe a falar do morto de duas



Cortador de cana trabalha em canavial em Charqueada
Joel Silva/Folha Imagem

semanas antes: o cunhado, também cortador de cana. José Pindobeira Santos tinha 65 anos. Colheu cana até o ano retrasado. "Ele reclamava da barriga, de cólicas", diz a filha Ivanir, faxineira. Voltava da lavoura com dor na virilha. Nunca se tratou ou foi tratado.

Pindobeira morreu de obstrução intestinal e broncoaspiração. Não se sabe até que ponto a lida na roça baqueou sua saúde. Nos anos 1960 já cortava cana nos arredores de Guariba.

Seu concunhado Antonio Ribeiro Lopes, o marido da baiana Maildes, veio ao mundo em julho de 1950, três dias antes do fracasso supremo do futebol pátrio, a final da Copa. Migrou de Berilo (MG), município da paupérrima região do Val e do Jequitinhonha.

Em acidentes registrados - a subnotificação é considerável - o facão rasgou-lhe pema e joelho. Dores no ombro direito o afastaram da roça. Penava com dor de cabeça. O empenho no trabalho desencadeava câibras na barriga, nas pernas e nos braços. Sofria da doença de Chagas, mas não o licenciaram.

Era funcionário da usina Moreno. Sucumbiu no campo e o levaram para o hospital. Causa da morte: "cardiopatia chagásica descompensada".

Lopes integra a relação de duas dezenas de canavieiros mortos no interior paulista de 2004 a 2007, o caçula com 20 anos. A lista foi elaborada pela Pastoral do Migrante - há mais mortes, não contabilizadas.

Dela não constam acidentes de trabalho - em 2005, de cada mil trabalhadores no cultivo da cana, 48 sofreram acidente ocupacional, registraram as pesquisadoras da USP Márcia Azanha Ferraz Dias de Moraes e Andrea R. Ferro.

Naquele ano, segundo o Ministério do Trabalho, morreram de acidentes 84 pessoas no setor sucroalcooleiro, incluindo lavoura e indústria (3,1% das mortes por acidentes de trabalho no Brasil). O Ministério Público do Trabalho investiga a razão dos óbitos e sua associação com o caráter exaustivo do corte manual.

Relatório de 2006 da Secretaria de Inspeção do Ministério do Trabalho enumera dezenas de irregularidades em empresas nas quais trabalhavam os lavradores que morreram.

Uma é o não-cumprimento do descanso de uma hora para o almoço. Os cortadores comem em dez, 20 minutos, para logo empunhar de novo o facão. Eles ganham por produção. Nenhum laudo atesta que a atividade foi decisiva para os óbitos. Seria difícil: dos oito esquadrihados pelo ministério, só em dois houve necropsia.

O texto da Secretaria de Inspeção afirma: "As causas de mal súbito, parada cardiorrespiratória e AVC [acidente vascular cerebral], descritas nas certidões de óbito, não são elementos de convicção que justifiquem a morte natural, como alegam as empresas".

Há indícios sobre por que morrem os canavieiros.

Em 1985, os cortadores do Estado produziam em média 5 toneladas diárias de cana. Em 2008, são 9,3 toneladas, 86% a mais. Há 23 anos, um lavrador recebia R\$ 6,55 por tonelada e R\$ 32,70 por jornada. Em 2007, 1.000 kg valerem R\$ 3,29. A remuneração por dia, R\$ 28,90 (menos 12%).

A produtividade disparou e o salário caiu. Com a mecanização acelerada do corte e a expansão do desemprego, ficam os mais eficientes. O homem compete com a colheitadeira.

Os números de 1985 e 2007 são do Instituto de Economia Agrícola. Atualizados para reais de agosto de 2007, encontram-se em artigo dos pesquisadores Rodolfo Höffmann (Unicamp) e Fabiola C. R. de Oliveira (USP).

"Penoso" e "desumano"

José Mário Gomes morreu em 2005 aos 44 anos. Era empregado da usina Santa Helena, do grupo Cosan, líder da produção de cana no planeta. "O óbito ocorreu nos períodos de maior produtividade, com picos alternados", informa o Ministério do Trabalho.

Valdecy de Lima trabalhava na usina Moreno, como Antonio Ribeiro Lopes. Em 7 de julho de 2005, desabou na roça. Morreu aos 38 anos, de acidente vascular cerebral. Em 17 de junho, decepara 16,5 toneladas.

A Moreno alega que as mortes de Antonio e Valdecy "não ocorreram em decorrência do esforço do trabalho". A Cosan diz que as causas do óbito de José Mário "ainda estão sendo investigadas pelos órgãos competentes. A empresa prestou todos os atendimentos necessários e colocou seu departamento de serviço social à disposição da família do colaborador. A Cosan cumpre rigorosamente a legislação trabalhista".

O Ministério Público do Trabalho relaciona as mortes à rotina "penosa" e "desumana" e prepara ação contra o pagamento por produção, quando o grosso da remuneração depende do desempenho. É preciso acumular em oito meses, a duração da safra, o suficiente para 12 - a maioria é dispensada na entressafra.

Usineiros e segmento expressivo dos trabalhadores desejam manter o sistema.

O afincio para cortar mais e mais provoca situações como uma acontecida em 2007. Sob o sol, em dia de temperatura máxima de 37°C à sombra, nove trabalhadores foram hospitalizados após se sentirem mal em uma fazenda de Ibirarema.

Reclamavam de câibras e vomitavam. Algumas usinas fornecem no campo bebidas reidratantes para a mão-de-obra suportar o desgaste.

Em áreas de corte manual, os canaviais costumam ser queimados antes da colheita. O fogo queima a palha da cana, e restam apenas as varas, o que facilita o trabalho. Quando o facho golpeia as varas com fuligem, o pó se espalha, entra pelo nariz e gruda na pele. A plantação recebe agrotóxicos. O lavrador não costuma receber máscara.

Em tese de doutorado na Unesp, a bióloga Rosa Bosso constatou que o nível de HPAs, substâncias cancerígenas, expelidas na urina de quatro dezenas de trabalhadores era nove vezes maior na safra do que na entressafra.

Em temporada sem colheita, Antonio Lopes sobreviveu como carregador de sacas de açúcar. Malteses o conheceu na lavoura da cana, onde o namoro engatou. Ainda hoje a viúva se orgulha: "Ele não era de enjeitar serviço".

O SUBMUNDO DA CANA

Estado que detém 60% da produção nacional de cana-de-açúcar, São Paulo não divide a riqueza derivada do boom de etanol com seus 135 mil cortadores, que vivem muitas vezes em situações precárias

Mário Magalhães
Joel Silva

Pontualmente às 4h42, a canaveira Ilma Francisca de Souza parte para o trabalho com sua marmitta fornida de arroz coberto por uma lingüiça cortadinha. Em outro bairro de Serrana, ainda antes de o sol nascer, Rosimira Lopes sai para o canavial levando arroz com um só acompanhamento: feijão.

Durante o dia, elas vão dar conta da comida, que já terá esfriado. A despeito do notável progresso que ergue usinas de etanol com tecnologia assombrosa, o Brasil segue sem servir refeições quentes aos lavradores da cana-de-açúcar.

A bóia continua fria.

Durante dois meses, a Folha investigou as condições de vida e trabalho dos cortadores de cana no Estado que detém 60% da produção do país que é o principal produtor do planeta.

Gente como Ilma e Rosimira.

Em uma das etapas de apuração da reportagem, por 15 dias percorreram-se 3.810 quilômetros de carro, o equivalente a nove trajetos São Paulo - Rio de Janeiro. Um mapa [veja na pág. 6] mostra onde ficam as cidades visitadas.

Pela primeira vez em cinco séculos, desde que as mudas pioneiras foram trazidas pelos portugueses, em 2008 ao menos metade da cana de São Paulo não será colhida por mãos, mas por máquinas. É o que anunciam os usineiros.

Como na virada do século 16 para o 17, quando o país era o líder do fabrico de açúcar, a cana oferece imensas oportunidades ao Brasil, em torno do álcool combustível do qual ela é matéria-prima. O etanol pode se transformar em commodity, com cotação no mercado internacional. As usinas geram energia elétrica.

A riqueza do setor sucroalcooleiro, que movimentará neste ano R\$ 40 bilhões, não atingiu os lavradores. Em 1985, um cortador em São Paulo ganhava em média R\$ 32,70 por dia (valor atualizado). Em 2007, recebeu R\$ 28,90. A remuneração caiu, mas as exigências no trabalho aumentaram. Em 1985, o trabalhador cortava 5 toneladas diárias de cana. Na safra atual, 9,3.

Em 19 cidades do interior - na capital foi ouvido um representante dos empresários -, os repórteres procuraram entender por que, entre nove culturas agrícolas, a da cana reúne os trabalhadores mais jovens.

Exige alto esforço físico uma atividade em que é preciso dar 3.792 golpes com o facho e fazer 3.994 flexões de coluna para colher 11,5 toneladas no dia. Nos últimos anos, mortes de canaveiros foram associadas ao excesso de trabalho.

Conta-se a seguir o caso de um bóia-fria que morreu semanas após colher 16,5 toneladas. Não há paralelo em qualquer região com tamanho rendimento.

Na estrada, flagram-se ônibus deteriorados, ausência de equipamentos de segurança no campo, moradias sem higiene e pagamento de salário inferior ao mínimo.

Conheceram-se comunidades de canaveiros que dependem do Bolsa Família, migrantes que tentam a sorte e lavradores que querem se livrar do crack e de outras drogas. Descobriram-se documentos que comprovam a existência de fraudes no peso da cana, lesando os lavradores.

Escravidão

No auge e na decadência do ciclo da cana-de-açúcar, os escravos cuidaram da lavoura e puseram os engenhos para funcionar. A arrancada do etanol brasileiro foi dada por lavradores na maioria negros.

Assim como os escravos sumiram de certa historiografia, os cortadores são uma espécie invisível nas publicações do setor. Exibem-se usinas high-tech, mas oculta-se a mão-de-obra da roça.

Impressiona na viagem ao mundo e ao submundo da cana a semelhança de símbolos da lavoura atual com a era pré-abolição. O fiscal das usinas é chamado de feitor.

Acumulam-se denúncias de trabalho escravo. É um erro supor que as acusações de degradação passem longe do Estado mais rico do país e se limitem ao "Brasil profundo". Uma delas é narrada adiante. Em São Paulo, localiza-se Ribeirão Preto, centro canavieiro tratado como a nossa "Califórnia".

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva tem minimizado os relatos sobre trabalho penoso nos canaviais. No ano passado, ele disse que os usineiros "estão virando heróis

nacionais e mundiais porque todo mundo está de olho no álcool".

O medo de retaliações é grande entre os canaveiros. Nenhum nome foi mudado nos textos, mas algumas pessoas, a pedido, são identificadas apenas pelo prenome ou nem isso. As entrevistas foram gravadas com consentimento.

São muitos esses anti-heróis: segundo os usineiros, há 335 mil cortadores de cana no Brasil, incluindo os 135 mil de São Paulo. No Estado, prevê-se a extinção do corte manual para 2015, junto com as queimadas que facilitam a colheita.

Ilma e Rosimira compõem uma espécie em extinção. Por meio milênio, os cortadores, escravos ou assalariados, viveram tempos difíceis. Nos próximos anos, não será diferente: com baixa qualificação, eles terão de procurar outros meios de sobrevivência.

Não há sindicato que não constate queda nas contratações.

O canavial não está tão longe quanto parece: ao encher o tanque com 49 litros de álcool, consome-se uma tonelada de cana; quando se adoça com açúcar o café da manhã, milhares de brasileiros já estão na lavoura de facho na mão.

Fonte: Extraído da Folha de São Paulo. 25/08/2008.

TESES SOBRE FEUERBACH

Karl Marx (1845)

1

A principal insuficiência de todo o materialismo até aos nossos dias - o de Feuerbach incluído - é que as coisas [der Gegenstand], a realidade, o mundo sensível são tomados apenas sobre a forma do objecto [des Objekts] ou da contemplação [Anschauung]; mas não como *atividade sensível humana, práxis*, não subjectivamente. Por isso aconteceu que o lado activo foi desenvolvido, em oposição ao materialismo, pelo idealismo - mas apenas abstractamente, pois que o idealismo naturalmente não conhece a actividade sensível, real, como tal. Feuerbach quer objectos [Objekte] sensíveis realmente distintos dos objectos do pensamento; mas não toma a própria actividade humana como actividade objectiva [gegenständliche Tätigkeit]. Ele considera, por isso, na *Essência do Cristianismo*, apenas a atitude teórica como a genuinamente humana, ao passo que a práxis é tomada e fixada apenas na sua forma de manifestação sórdida e judaica. Não compreende, por isso, o significado da actividade "revolucionária", de crítica prática.

2

A questão de saber se ao pensamento humano pertence a verdade objectiva não é uma questão da teoria, mas uma questão *prática*. É na práxis que o ser humano tem de comprovar a verdade, isto é, a realidade e o poder, o carácter terreno do seu pensamento. A disputa sobre a realidade ou não realidade de um pensamento que se isola da práxis é uma questão puramente escolástica.

3

A doutrina materialista de que os seres humanos são produtos das circunstâncias e da educação, [de que] seres humanos transformados são, portanto, produtos de outras circunstâncias e de uma educação mudada, esquece que as circunstâncias são transformadas precisamente pelos seres humanos e que o educador tem ele próprio de ser educado. Ela acaba, por isso, necessariamente, por separar a sociedade em duas partes, uma das quais fica elevada acima da sociedade (por exemplo, em *Robert Owen*).

A coincidência do mudar das circunstâncias e da atividade humana só pode ser tomada e racionalmente entendida como *práxis revolucionante*.

4

Feuerbach parte do fato da auto-alienação religiosa, da duplicação do mundo no mundo religioso, representado, e num real. O seu trabalho consiste em resolver o mundo religioso na sua base mundana. Ele perde de vista que depois de completado este trabalho ainda fica por fazer o principal. É que o fato de esta base mundana se destacar de si própria e se fixar, um reino autônomo, nas nuvens, só se pode explicar precisamente pela autodivisão e pelo contradizer-se a si mesma desta base mundana. É esta mesma, portanto, que tem de ser primeiramente entendida na sua contradição e depois praticamente revolucionada por meio da eliminação da contradição. Portanto, depois de, por exemplo a família terrena estar descoberta como o segredo da sagrada família, é a primeira que tem, então, de ser ela mesma teoricamente criticada e praticamente revolucionada.

5

Feuerbach, não contente com o pensamento abstrato, apela ao conhecimento sensível [sinnliche Anschauung]; mas, não toma o mundo sensível como atividade humana sensível prática.

6

Feuerbach resolve a essência religiosa na essência humana. Mas, a essência humana não é uma abstração inerente a cada indivíduo. Na sua realidade ela é o conjunto das relações sociais.

Feuerbach, que não entra na crítica desta essência real, é, por isso, obrigado: 1. a abstrair do processo histórico e fixar o sentimento [Gemüt] religioso por si e a pressupor um indivíduo abstratamente - *isoladamente* - humano; 2. nele, por isso, a essência

humana só pode ser tomada como "espécie", como generalidade interior, muda, que liga apenas *naturalmente* os muitos indivíduos.

7

Feuerbach não vê, por isso, que o próprio "sentimento religioso" é um *produto social* e que o indivíduo abstrato que analisa pertence na realidade a uma determinada forma de sociedade.

8

A vida social é essencialmente *prática*. Todos os mistérios que seduzem a teoria para o misticismo encontram a sua solução racional na práxis humana e no compreender desta práxis.

9

O máximo que o materialismo contemplativo [*der anschauende Materialismus*] consegue, isto é, o materialismo que não compreende o mundo sensível como atividade prática, é a visão [*Anschauung*] dos indivíduos isolados na "sociedade civil".

10

O ponto de vista do antigo materialismo é a sociedade "civil"; o ponto de vista do novo [materialismo] é a sociedade *humana*, ou a humanidade socializada.

11

Os filósofos têm apenas *interpretado* o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é *transformá-lo*.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Extrato de A ideologia alemã. Arquivo Marxista na Internet. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1845/tesfeuer.htm>. Acesso em: 28/08/2008.

VOCÊ SABIA?

Ocorrerá, no período de 24 a 26 de setembro de 2008, aqui na UEL, o *III Simpósio de Lutas Sociais na América Latina*. Serão realizadas mesas redondas, mostras de filmes e documentários e Grupos de Trabalho. As mesas redondas versarão sobre "Estado, ideologia e meios de comunicação", "Classes sociais e transformações no mundo do trabalho", "Movimentos sociais urbanos", "(In)Definições da questão agrária hoje", "Política e economia na América Latina", "Socialismo no século XXI: quais perspectivas na América Latina?". O evento está sendo promovido pelo *Grupo de Estudos de Política da América Latina*, que procura analisar as transformações por que tem passado a América Latina nos últimos anos e procura compreender a complexidade dos novos personagens no cenário político latino-americano. Trata-se de um evento central para os que desejam ampliar os horizontes no que toca a compreensão das profundas conexões entre o particular, o diário e o cotidiano, e o contexto mais amplo em que se inscreve o movimento histórico em que vivemos.

Neste ano o Manifesto Comunista faz 160 anos (1848-2008)!!! Trata-se de um dos textos fundantes do marxismo e do comunismo, que estabelece um programa de ação revolucionário para a orientação da classe operária que vive a ebulição dos anos 1848 na Europa, configurando-se em um dos mais importantes documentos programáticos da luta da classe trabalhadora em todo o mundo. Em uma descrição de Engels: "A idéia fundamental que percorre todo o *Manifesto* é a de que, em cada época histórica, a produção econômica e a estrutura social que dela necessariamente decorre, constituem a base da história política e intelectual dessa época, que conseqüentemente (desde a dissolução do regime primitivo da propriedade comum da terra) toda a História tem sido a história da luta de classes, da luta entre explorados e exploradores, entre as classes dominadas nos vários estágios da evolução social; que essa luta, porém, atingiu um ponto em que a classe oprimida e explorada (o proletariado) não pode mais libertar-se da classe que a explora e oprime (a burguesia) sem que, ao mesmo tempo, liberte para sempre toda sociedade da exploração, da opressão e da luta de classes [...]". (Síntese de Friedrich Engels, Prefácio à Edição alemã do *Manifesto Comunista* publicada em 1883. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 2005).

CURTAS...

Por ocasião da VIII Jornada do Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil, durante a reunião dos Coordenadores do HISTEDBR, o Grupo MHTLE apresentou pedido de credenciamento ao HISTEDBR, passando, desde 07 de julho de 2008, a compor os GTs daquela importante Congregação de Grupos. Na mesma ocasião, reuniu-se ao GT HISTEDBR o grupo História, Trabalho e Educação (HTE), do qual faz parte a Professora Elza Peixoto. Na ocasião, foram definidas as programações para o segundo semestre de 2008. Também foi eleita a Comissão coordenadora do GT para o próximo biênio, composta pelos professores Carlos Lucena, Marcos Cassin e Elza Peixoto (Secretaria).

No último dia 13/08, o grupo *Marxismo, História, Tempo Livre e Educação* (MHTLE)

em parceria com os Grupos *História, Sociedade e Educação no Brasil* (HISTEDBR) e *Linha de Estudos e Pesquisas em Educação Física, Esporte e Lazer* (LEPEL) realizaram o Debate *Modo de Produção e Educação*, com a presença dos Professores Doutores Celi Nelza Zülke Taffarel, Edmundo Fernandes Dias, José Claudinei Lombardi, Patrícia Trópia e Ricardo Antunes. O Debate em questão deflagra o processo de estruturação da Revista *Germinal: marxismo e educação em debate*, cujo objetivo é discutir a educação à luz da Concepção Materialista e Dialética da História em seus desdobramentos.

O Grupo MHTLE participará da 31ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, que ocorrerá no período de 19 a 22 de outubro de 2008, em Caxambu (MG), levando ao GT 09 – Trabalho e Educação o trabalho *Modo de produção da existência: categoria chave para a compreensão da problemática do lazer*, vinculado ao Projeto de Pesquisa desenvolvido na Universidade Estadual de Londrina: *Modo de produção da existência: categoria chave para a compreensão da problemática do lazer* (Projeto cadastrado na PROPPG sob número 04927).

O trabalho de *Iniciação Científica Levantamento, catalogação e análise da produção do conhecimento referente à relação trabalho x lazer nos estudos do lazer no Brasil* (1980-2003), da graduanda Vanessa da Silva Guilherme, foi aceito para apresentação no GTT Recreação e Lazer, durante o IV Congresso Sul-brasileiro de Ciências do Esporte (CSBCE), que ocorrerá entre os dias 19 e 21 de setembro de 2008, no Centro de Capacitação de Professores do Estado do Paraná em Faxinal do Céu. O trabalho compõe o projeto desenvolvido na UEL *Levantamento, análise e catalogação da produção do conhecimento referente aos estudos do lazer no Brasil* (cadastrado na PROPPG/UEL sob o número 05118).

Ocorreu em 29 de agosto de 2008, o II Colóquio do Grupo de Estudos e Pesquisas *Marxismo, História, Tempo Livre e Educação* (MHTLE). Nesta ocasião, conversou conosco o Prof. José Mário Angeli, que nos apresentou o pensamento do revolucionário comunista Antonio Gramsci sobre a *Concepção Materialista e Dialética da História*. O evento ocorreu na sala 918 do Centro de Educação Física e Esportes (CEFE). O grupo prosseguirá com os colóquios que ocorrerão todas as últimas sextas-feiras do mês, a partir das 17h. O III Colóquio ocorrerá no dia 26/09/2008, às 17h, com a presença do Prof. Ariovaldo de Oliveira Santos, que virá discutir conosco a *Concepção de Trabalho na obra de Karl Marx*.

O Grupo MHTLE está programando uma mostra de filmes que permitirá a discussão da problemática do trabalho. Com esta ação, o grupo deseja promover discussões sobre as possibilidades de fruição do ócio frente às condições adversas em que os homens produzem e reproduzem sua existência. Os filmes selecionados pelo grupo são *Daens: um grito de justiça*, *Náufrago*, *Vida de Inseto*, *FormiguinhaZ*, *Germinal*, *Tempos Modernos* e *A classe operária vai ao paraíso*. Breve, divulgaremos a programação.

Recentemente, divulgou-se na página da Agência Estadual de Notícias, da Sercomtel e no *Jornal Notícias da UEL* a informação de que o Projeto *Levantamento catalogação e análise da produção do conhecimento referente aos estudos do lazer no Brasil* havia recebido recursos do Governo do Estado do Paraná e do Ministério dos Esportes. Vimos esclarecer que a verba em questão refere-se ao Projeto ARELB, encaminhado em dezembro de 2006 à Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte de Lazer (SNDEL), com a finalidade de trazer para o CEFE/UEL a Rede CEDES. O Projeto em questão foi aprovado pelo Ministério, enfrentando alguns entraves para sua consolidação. Nesta mais recente tentativa de obtenção do recurso, o projeto chegou a ser assinado pelo Governador do Estado do Paraná. Entretanto, em virtude dos prazos limites determinados em anos eleitorais, a documentação que viabilizaria firmar este convênio não chegou em tempo hábil ao Ministério dos Esportes. Estamos aguardando encerrar-se o prazo das eleições para receber, finalmente, os recursos divulgados.

As reuniões do MHTLE ocorrem todas as sextas-feiras, a partir das 14h, na sala do Departamento de Estudos do Movimento Humano, enquanto encontra-se indefinida a atribuição de espaço para o desenvolvimento dos trabalhos do Grupo. Conforme informamos no número anterior, o MHTLE entrou com pedido de solicitação de espaço (instalações físicas) ao Diretor do Centro de Educação Física e Esportes (CEFE) Prof. Dr. Dartagnan Pinto Guedes, obtendo a informação de que *não há espaço disponível* no CEFE hoje. Resolvemos insistir encaminhando o processo para ciência dos membros do Conselho do Centro (CC) de Educação Física. O processo tramitou na última reunião da Comissão de Pesquisa do CEFE, sendo encaminhado ao CC. Considerando-se as demandas por condições de trabalho para os dez membros vinculados ao MHTLE na UEL e às ações que o Grupo desenvolve em conjunto com outros Grupos vinculados às Universidades Brasileiras, esperamos que a situação resolva-se rapidamente.

Expediente:

Coordenação Editorial: Elza Margarida de Mendonça Peixoto
Comissão Editorial: José Claudinei Lombardi, Maria de Fátima Rodrigues Pereira, Celi Nelza Zülke Taffarel, Katia Oliver de Sá, Francisco Mauri de Carvalho.
Colaboração: Lalo Watanabe Minto, Evaristo Colman, Maria de Fátima Rodrigues Pereira, Lucelma Silva Braga, Gilcelene Barão, Francisco Mauri de Carvalho.
Revisão: Luciene Avelar Pereira
Projeto Gráfico: Jesuino Vitorelli
Tiragem: 200 exemplares
Impressão: Gráfica da Universidade Estadual de Londrina